

O ESPAÇO DO CERRADO CONTADO POR MEIO DE VERSOS, ESTROFES E RIMAS: UMA LEITURA REALIZADA POR MEIO DA PERSPECTIVA DO LUGAR

THE SPACE CERRADO TOLD THROUGH VERSES, STANZAS AND RHYMES: A READING PERFORMED BY PLACE'S PERSPECTIVE

Rodrigo Capelle Suess

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil, rodrigo.capellesuess@gmail.com

Rafael Gonçalves Bezerra

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil, ra.fagonalves@hotmail.com

RESUMO

O lugar é uma das categorias de análise da Geografia, sendo que a sua leitura torna-se relevante, pois analisa o espaço que é vivido, construído e reconstruído por meio dos indivíduos na relação que cada um tem com o espaço, dotando-o de significados e afetividade. Este trabalho destacou outra forma de interpretar o lugar Cerrado, por meio de poemas e poesias. O Cerrado abrange cerca de 2 milhões de km², equivalente a quase um quarto do território nacional sendo, portanto, o segundo maior bioma brasileiro e também a savana tropical mais rica e ameaçada do planeta. Dessa maneira, foram escolhidos trechos e versos de alguns poemas e poesias que exemplificam a leitura do Cerrado como lugar, ou seja, como um espaço dotado de significado atribuído pelos indivíduos em épocas distintas. Várias composições fazem homenagens a lugares, que foram e são seus lares nos quais viveram, abrigaram, protegeram-se e projetaram-se para o "mundo". É no espaço que os escritores-autores encontram a gênese da inspiração através de observações e a interiorização de características de seu meio social e natural, constituindo-se a matéria prima para sua criação, que por fim acabam sendo expressas por meio de versos, estrofes e rimas.

Palavras-chave: Lugar. Poemas. Literatura. Cerrado. Geografia Humanística.

ABSTRACT

Place is one of the category of analysis of Geography, as its reading becomes relevant because it analyzes the experienced, constructed and reconstructed space through the individuals in their relations with space, giving it meanings and affectivity. This work highlighted another way of interpreting the place Cerrado, through poems and poetries. The Cerrado biome covers about 2 million km², equivalent to almost a quarter of the national territory, being the second largest Brazilian plant formation and also the richest and most threatened on the planet tropical savanna. Thereby, passages and verses of some poems and poetries that exemplify Cerrado's reading as a place, in other words, as a space endowed with meaning assigned by individuals who lived there and experience were chosen. Many compositions are tributes to places, who were and still are their homes, where they lived, sheltered, protected themselves and were designed for the "world". It is in space that writers/authors find the genesis of inspiration, through observing and internalizing characteristics of their social and natural environment, constituting the raw material for their creation, which lastly end up being expressed through the verses, stanzas and rhymes.

Keywords: Spatial Interactions. Medium-sized Cities. Production of Space.

Artigo recebido para publicação em dezembro de 2014

Artigo aceito para publicação em maio de 2015

INTRODUÇÃO

A leitura é uma das formas de se interpretar o mundo. Assim, é necessário compreender que as ações que conduzem à aprendizagem da leitura demandam considerações importantes, como a de reconhecer que a aprendizagem é um processo que se inicia pela leitura de mundo, com as interações feitas por

meio da análise do que nos cerca. É possível analisar o mundo por meio de inúmeros artifícios, em que poemas e poesias podem ser utilizados para a construção e reconstrução do saber geográfico. Dessa forma, a Geografia abre um leque de possibilidades para trabalhar diversos fatores que são de interesse da sociedade (CARVALHO SOBRINHO; SUESS; ALMEIDA, 2013). A sua diversidade não se limita apenas aos conteúdos, mas também se expande para as variadas formas de ler o mundo, de captá-lo e transmiti-lo.

O lugar é uma das categorias de análise da Geografia. Destarte, a leitura do lugar é relevante, pois analisa o espaço que é vivido, construído e reconstruído por meio dos indivíduos na relação que cada um tem com o espaço, dotando-o de significados e afetividade.

Este trabalho destacou outra forma de interpretar o lugar Cerrado, um enfoque por meio de poemas e poesias¹. Nesse enfoque, o lugar, categoria de análise da Geografia, adquire importância, pois as percepções, experiências e memórias dos indivíduos são elementos fundamentais para a constituição e apropriação do lugar no saber geográfico. Dessa maneira, foram escolhidos trechos e versos de alguns poemas e poesias que exemplificam a leitura do Cerrado como lugar, ou seja, como um espaço dotado de significado atribuído pelos indivíduos que ali viveram ou vivem. As obras foram encontradas em sites de busca variados e a escolha buscou contemplar autores profissionais e cidadãos comuns que agregam experiências, ambiguidades e ambivalências diversas produzindo traduções singulares do Cerrado.

Esta pesquisa visa incentivar a contribuição para a construção do conhecimento em relação ao tema escolhido. Para tanto, a seguir apresentamos um esboço teórico que relaciona Geografia e literatura. Em seguida, discutimos a Geografia como forma de leitura e compreensão do mundo, no qual o lugar assume papel importante para análise da porção do espaço (re)significado por diferentes sujeitos, que podem exprimir essa prática em poemas e poesias. Também procuramos diferenciar e estabelecer um

¹ Discutir-se-á adiante que a poesia está relacionada a um estado ligado a alma, uma arte de expressar emoções; já o poema está para uma materialização desse estado em versos. Portanto, todo poema resguarda uma poesia. Assim, o uso desses dois termos juntos será utilizado para reforçar tanto o estado da alma quanto a sua materialização em versos.

diálogo entre poemas e poesias para, partindo-se da caracterização do bioma Cerrado, empreender uma análise fenomenológica e hermenêutica que considera o lugar parte integrante dos seres humanos. Isto posto, o Cerrado é considerado um livro aberto a interpretações de escritores e cidadãos comuns. Por fim, à guisa de algumas considerações retomamos a relevância do lugar para estudar os referenciais pessoais de cada ser humano e a necessidade da continuidade do estudo da interpretação da identidade construída no espaço por meio das relações sociedade-natureza tendo como cerne o Cerrado.

Geografia e literatura

Segundo Barcellos (2009), os textos literários se apresentam como um rico material a ser apreciado pela Geografia, pois eles evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas. Assim, pode-se empreender essa relação também com os poemas e poesias. Barcellos (2009) expõe, ainda, que a literatura é uma renovação metodológica, visando que a Geografia procure, hoje, novas alternativas para compreender e entender o espaço, apesar de Brosseau (2007) alertar-nos que o interesse dos geógrafos pela literatura não é um fato novo. Todavia, trabalhos com essa abordagem se sustentaram, como explica o autor, de maneira marginal e escassa até o início dos anos 1970.

Dardel (2011) visa outras possibilidades de estudo para compreender as tramas do espaço, além da ciência, pois para ele a Geografia é maior e não pode se limitar. “Compreender a geografia não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal como insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino.” (DARDEL, 2011, p. 89).

Dessa forma, algumas áreas como a própria literatura, a música e a arte estão sendo valorizadas e constituem alvos de grande interesse na Geografia. Apesar desses estudos não serem recentes, de acordo com Almeida (2009), a Geografia Humanística vem dando novo fôlego a eles. As relações entre espaço natural e o social são vistas agora com insolubilidade, mantendo uma relação de simbiose (VALE, 2007). As formas de ser e viver, de ver e conceber, de pensar e agir relacionadas com as

tramas do homem no espaço, contidas em falas, músicas, poesias e poemas e na arte constituem fontes de grande relevância para os geógrafos.

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2007), as obras que mais interessam são aquelas nas quais o espaço e o tempo não são meros panos de fundo, mas parte integrante da trama, insubstituível, sem os quais estas obras não poderiam ser construídas, tornadas inteligíveis e identificáveis. Para Haesbaert (1997), falar em criatividade humana é falar em Arte. O dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 64) define arte como “capacidade humana de criação e sua utilização com vistas a certo resultado, obtidos por diferentes meios [...]; habilidade; engenho”. Haesbaert analisa a poesia com um caráter “revolucionário”, por não possuir valor de mercado e nem poder ser trocada, torna-se fruto de uma liberdade criadora. Deste modo, poesias e poemas são artes, pois são formas de criação e a sua utilização, apesar de não possuir caráter estritamente técnico e econômico, se aplica na representação que o homem dá aos espaços e lugares. “Amamos, sofremos e podemos pelo menos na imaginação, expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo” (HAESBAERT, 1997. p. 30).

No encaixe das poesias e dos poemas como arte, observa-se que sua criação ocorre por diversos meios, que transplantados para a subjetividade, oferecem uma gama de possibilidades de avaliar os meios que servem para o mesmo fim: expõem em plenitude o que o homem pensa e quer falar para o mundo de suas percepções e concepções que envolvem tramas no tempo e no espaço em que o sentimento e a experiência são claramente pontos de partida.

Os meios são diferentes para os autores e atores, pois inicialmente encontram-se em uma base espacial e temporal diferentes uns dos outros, e em realidades socioeconômicas antagônicas. Fatores de comunicação, relação, mobilidade, gostos, sentimentos dentre uma infinidade de características singulares constituem diversos fatores que podem determinar os meios para justificar o fim: a arte de expressar pensamentos e declarações em versos e rimas.

Fazer poesias e rimas é uma habilidade e um ofício. Habilidade que, segundo Ferreira (2001, p. 359), significa “aptidão ou capacidade para algo” e engenho como “faculdade inventis”, “habilidade”. Apesar de todo homem ser um ser poético, essa definição se limita ao grupo daqueles que possuem essa habilidade, os quais têm percepção aflorada e coragem de expressar suas opiniões sobre o mundo.

A poesia se define, consoante o dicionário Aurélio, como a arte de criar imagens, de sugerir emoções por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados e também como “caráter do que emociona, toca a sensibilidade”. E poema como: “obra em verso ou não, em que há poesia” e também como “composição poética de certa extensão, com enredo” (FERREIRA, 2001, p. 541). Dessa forma, considera-se aqui poesia como algo ligado à alma. Como nas definições de Bachelard (1985), a poesia é antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. A palavra alma pode ser dita poeticamente com tal convicção que anima todo um poema. O autor ainda relata a imaginação e criação de significados e o poema como obra da alma poética em materializar em palavras e versos seu estado poético.

Vaslmorbida (2007), por meio da análise das obras de Mario Quintana, escreveu que a poesia instaura lugares capazes de resistir ao tempo e às demolições, transformando o espaço físico em espaço memória-devaneio, para resguardar o sonhar poético. Para Gonçalves (2010) esses lugares, muitas vezes, são lugares que existem na alma de seus criadores e acabam passando a existir também na vida de quem os leem.

Para Marinho (2010), a poesia é compreendida como objeto estético surgido de atos de objetivação do ser (homem) na relação com o existir (lugar), mediando à interação de ambos e realçando os valores. Nesta vivência, afirma o autor, por meio da geograficidade, a poesia constitui um processo de objetivação, que reflete no espaço de existência pela corporeidade que lhe dá os primeiros significados. Sua compreensão amalgama razão e emoção, promove ao sujeito uma sociedade compreensiva do mundo da vida.

Ainda de acordo Marinho (2010), a poesia é uma maneira de conceber-se a si mesmo, da relação consigo e com o outro, além de expressá-la. Toda poesia consiste em comunicação, ela contém e é contida pelo espaço. Assim, os homens não se separam de seu lugar, do mesmo modo que não existem pessoas atemporais e não existem pessoas espaciais.

De acordo com Vale (2007), o poeta é um mensageiro, além de fingidor e cúmplice de uma época, que através do poema diz coisas ligadas ao sentimento íntimo da pessoa e à impressão sobre as coisas em geral, como acontecimentos e situações vividas por determinado sujeito em circunstâncias às vezes singulares.

Para Bachelard (1985), a exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos da dupla: ressonância-repercussão. Por sua exuberância, o poema desperta profundezas nas pessoas. Assim, para que a ação psicológica de um poema ocorra, é necessário seguir duas linhas de análise fenomenológica: uma que leva às exuberâncias do espírito, outra que vai às profundezas da alma.

A leitura do lugar em poemas e poesias

A leitura é um recurso de fundamental relevância para a compreensão do mundo. Por meio da leitura, o homem pode descobrir o mundo e a si mesmo num processo de descortinamento de horizontes antes não vistos e uma assunção de postura diante dos fatos e discursos experienciados no cotidiano. De acordo com Paulo Freire,

entendendo-se aqui como 'leitura do mundo' a 'leitura' que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da 'cotidianidade'. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora à leitura anterior do mundo. (FREIRE, 2001, p. 261).

A partir das considerações de Paulo Freire entende-se que, a priori, a experiência do mundo nas suas diversas vertentes, natural, cultural, político e, sobretudo, ideológico, é fundamental para embasar a formação de conceitos e reelaborar a compreensão do mundo de sujeitos. Então, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, entretanto esta só tem valia quando se preste a releitura, a

reinterpretação, do mundo. Desse modo, no que se refere às poesias e aos poemas, a leitura de mundo dos compositores, concretizada na leitura da palavra, deve ser o ponto de partida para uma nova releitura do objeto/sujeito estudado, idealizado, no caso deste trabalho, o bioma Cerrado.

A Geografia, ciência e disciplina escolar, pretende estudar os fenômenos que ocorrem na sociedade e no meio ambiente, sejam eles naturais ou sociais, e também a interação entre os mesmos. Vários poemas e poesias relatam essa interação homem e meio, por isso a necessidade de se estudar esses versos na visão geográfica. Ademais, devem-se considerar tais expressões de arte são fruto de interpretações dos autores em contextos e locais diferentes sobre determinado objeto, realidade, sujeito, etc.

Vale (2007, p. 275) expõe que “parece algo inusitado querer estabelecer relações entre poesia ou poema e a Geografia e vice-versa. O poema diz coisas ligadas ao sentimento da pessoa e a impressão sobre as coisas em geral”. Nessa singularidade expressa pelo autor, os poemas estão ligados ao sentimento, em que se pode estabelecer que o sentimento da pessoa fosse o ponto chave para o estudo e leitura do lugar. Ou seja, os poemas e a leitura minuciosa destes são importantes recursos para a compreensão dos lugares dotados de valores e referenciais. Nesta perspectiva, a construção e a reconstrução do saber geográfico ocorrem por meio de versos e estrofes, pois estes são recursos que podem ser utilizados pela Geografia para representação do próprio espaço, por meio de variados artifícios que podem engrandecer o entender sobre o mundo.

A dimensão territorial do Brasil faz com que apareçam inúmeras particularidades distribuídas nas diferentes regiões, estados e cidades nos quais cada indivíduo irá imprimir sua marca. O Cerrado, bioma brasileiro, localizado em boa parte do território nacional, não foge desse contexto, sendo o lugar a categoria de análise da Geografia que dá grandes contribuições para a leitura das suas particularidades, ou seja, do próprio mundo vivido no bioma.

Torna-se imprescindível perceber que esta categoria de análise, que tem sido alvo de inúmeras interpretações ao longo do tempo, entre os mais distintos ramos do conhecimento, contribui de forma

particular para a compreensão da experiência com o mundo vivido. Leite (1998) afirma que, para a Geografia, o lugar constitui-se em um dos seus conceitos-chave, mas mesmo com as amplas reflexões realizadas acerca do seu significado, é possível afirmar que este é o conceito menos desenvolvido neste campo do saber geográfico.

É necessário entender o significado do conceito lugar para a Geografia. Assim, Tuan (1975, p. 152) define que “lugar é um centro de significados construído pela experiência. Trata-se, na realidade, de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro”. Já em outra acepção Suertegaray (2001, p. 34) mostra que o lugar é “a expressão do espaço geográfico na escala local; a dimensão pontual. O lugar deve ser compreendido através de nossas necessidades existenciais, quais sejam, localização, posição, mobilidade, interação com os objetos e/ou com as pessoas.”

O bioma cerrado

O Cerrado é um dos biomas do Brasil, formando um conjunto de ecossistemas com cerca de 2.000.000 km², o que equivale a 24% do território brasileiro. Está compreendido, principalmente, nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais e no Distrito Federal, Rondônia e São Paulo, ocorrendo também no Amapá, Amazonas, Pará e no Paraná, em áreas isoladas (SANO; ALMEIDA, 1998).

No domínio do bioma Cerrado predomina uma vegetação heterogênea tropical com portes variados, agregadas, conceitualmente, em fitofisionomias (SANO; ALMEIDA, 1998). A riqueza biológica é estimada em 160.000 espécies de plantas e animais, o que corresponde a 5% da flora e fauna mundiais (DIAS, 1992).

Conforme Assad (1994), a chuva localizada em áreas do Cerrado, apresenta algumas características bastante particulares, principalmente quanto a sua sazonalidade e quanto às grandes flutuações na precipitação mensal. Além disso, o Cerrado, afirma ele, bem como toda a zona intertropical, são

afetadas por períodos de interrupção de precipitação, que ocorrem durante a estação chuvosa, denominadas veranicos. Outra importante característica das chuvas no Cerrado é a sua intensidade, que pode atingir valores bastante altos durante a estação chuvosa. No bioma em questão é reconhecida a existência de muitas nascentes que compõem algumas das principais bacias hidrográficas da América do Sul, como a do São Francisco, Tocantins-Araguaia e Prata.

Outra característica marcante do Cerrado, segundo Conti e Forlan (2011), são os solos, naturalmente pobres em nutrientes, devido a origem associada a depósitos sedimentares antigos, além de possuir alta concentração de alumínio, o que acaba interferindo na capacidade de troca catiônica. Isso justifica a sua toxicidade para a maioria das plantas, em resalva as utilizadas na agricultura. Portanto, naturalmente, os solos do Cerrado não são propícios para a agricultura, mas graças às pesquisas realizadas principalmente nos anos 1960 e 1970, foi possível a expansão e a viabilização da agricultura no bioma. Entre as técnicas desenvolvidas, a correção do solo pelo método da calagem é um dos principais responsáveis por essa viabilização.

Reconhecido como um dos 25 locais de alta biodiversidade (hotspots) mais ameaçados da Terra (MYERS et al., 2000), este rico bioma está sendo descaracterizado pela ação antrópica para dar lugar a diversas formas de exploração econômica, mormente a agricultura e a pecuária, além das queimadas criminosas, expansão urbana desenfreada e desmatamento. Este inegável problema ambiental contemporâneo em todo o Globo, responde pela devastação anual aproximada de 2,6 milhões de hectares, processo que tende, até 2030, reduzir a apenas 5% da área original do Cerrado (VALENTE, 2006).

Nesse diapasão, inegável também é a diversidade étnica e cultural entre as populações humanas que vivem há vários milênios nesse bioma. Devido à riqueza da flora e fauna, muitas delas servem como base para a alimentação, medicamentos, dentre outros usos. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (2015), muitas pessoas habitam no Cerrado, dentre as quais muitas populações utilizam os recursos disponibilizados pelo bioma para a subsistência, incluindo etnias que detêm conhecimento tradicional de

sua biodiversidade, como indígenas, quilombolas e ribeirinhos. É por meio da percepção das pessoas que vivem, desenvolvem suas relações sociais, dependem dos recursos, interpretam e reinterpretem a dinâmica do Cerrado que diversas leituras podem ser realizadas e, posteriormente, são escritas em versos e estrofes, expressão de arte pautada no Cerrado.

As poesias que retratam o cerrado

O presente trabalho propõe expor apenas algumas poesias e poemas que relatam o bioma Cerrado e a construção do lugar por indivíduos que o habitam, pois se acredita que há uma infinidade de outros exemplos a serem analisados. Assim, as amostras aqui selecionadas dar-nos-ão uma visão de como os poemas e poesias podem ser analisados pela Geografia através da leitura poética atada ao conceito de espaço vivido e junto a isso uma crítica da transformação ambiental do Cerrado. Além disso, embora não fosse objetivo principal, intenta-se mostrar aos professores que as obras aqui analisadas podem ser um ótimo recurso didático para a leitura e estudos dos lugares e paisagens em sala de aula.

A análise inicia-se com a descrição sintética e elegante do poeta cuiabano Nicolas Behr² a respeito do Cerrado. Para ele "nem tudo que é torto / é errado / veja as pernas do Garrincha / e as árvores do cerrado". O autor, em poucas palavras, busca tirar o sentido de errado de coisas "tortas", no sentido de eliminar o rótulo e estereótipo que esse adjetivo possui. As pernas do "Mané" Garrincha, que tanto brilhou pela seleção Brasileira, ao lado do Cerrado, um dos maiores e mais ricos biomas brasileiros, são assumidos como exemplo de coisas "tortas"³. Em interpretação, as pernas do jogador de futebol Garrincha, e as árvores tortuosas do bioma Cerrado são características que particularizaram cada uma dessas figuras, entendendo-se que essas características são indissociáveis desses, eliminá-los seria descaracterizar a personalidade de cada um. Porém o que se pretende mostrar aqui é que o Cerrado

² Nicolas Behr nasceu em Cuiabá, em 1958. cursou o primário com os padres jesuítas em Diamantino, MT, onde os pais eram fazendeiros. Mora em Brasília desde 1974. Em 1977 lançou seu primeiro livrinho e best seller "Iogurte com Farinha", em mimeógrafo, tendo vendido 8.000 exemplares de mão em mão. Desde então, publicou diversas obras. O autor é envolvido ainda com o movimento ambientalista de Brasília, ele e suas obras já foram alvos de dissertações, documentários e bibliografia (BEHR, 2014).

³ Eliminando aqui todos os tipos de pré-julgamento que esse trabalho não deseja passar, ao contrário procura quebrar qualquer forma de estereótipo e preconceito.

não pode ser reduzido a uma imagem estereotipada de ambiente de árvores tortas, pobres e sem nenhuma diversidade.

Entende-se a palavra "estereotipada" segundo o dicionário Aurélio (1), o dicionário Michaelis (2) e o dicionário Houaiss (3), "o que é sempre o mesmo, que não varia"¹, "falta de originalidade ou de individualidade"² e "fixo, parado; inalterável"³. A palavra é derivada do termo "estereótipo" que pode ser definido como " clichê, chavão."¹, "imagem mental padronizada, refletindo uma opinião demasiadamente simplista"², "formado de ideias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão"³ e também "ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou faltas; generalizações cf. preconceito"³. A palavra chavão um dos sinônimos de estereótipo é definida como "sentença ou provérbio muito batido pelo uso"¹, "modelo, tipo, padrão"² e também como "modelo adotado pelo senso comum; norma"³ (FERREIRA, 2009; MICHAELIS, 1998; HOUAISS; VILLAR, 2001).

Dessa forma, esse poema pode ser assumido com o fito de se desmitificar a imagem estereotipada do Cerrado com suas "árvores tortas" como algo errado, estranho. Pois, como afirma Behr nem tudo que é torto é errado e sabe-se que boa parte das árvores do bioma possui o caule tortuoso devido à composição química do solo, predominantemente ácido. O melhor artifício para que isso aconteça é o diálogo entre professores e alunos, mas também desses com o próprio ambiente em que moram, principalmente se ele for o Cerrado. Conforme Castellar (2010, p. 45) "a aprendizagem será significativa quando a referência do conteúdo estiver presente no cotidiano da sala de aula, quando se considerar o conhecimento que a criança traz consigo, a partir de sua vivência".

Sendo assim, o mundo vivido dos alunos poderá ser o ponto de partida para os alunos conhecerem melhor o Cerrado ou qualquer outro bioma brasileiro ou mundial. À medida que partir desses conhecimentos, o professor poderá apresentar os conteúdos científicos de níveis locais a globais para que se faça um balanço entre esses, eliminando assim os preconceitos de forma que se inserem novas informações, escutam diversos sujeitos envolvidos e refletem acerca do objeto de estudo para além de

sua alteridade. Ou seja, enxergam o Cerrado não apenas por uma característica, por uma redução incompleta, mas buscam vê-lo por todos os lados em suas múltiplas determinações.

Em outros versos, Nicolas Behr, tenta denunciar a agressão sofrida pelo Cerrado e quase fatidicamente se despede dele ao passo que os "fazedores de desertos" se aproximam:

olhos cerrados / abertos / para ver certos / cerrados / certos / e certos / desertos / errados / (o deserto certo / chora areia) / os fazedores / de desertos / se aproximam / e os cerrados / se despedem / da paisagem / brasileira / uma casca grossa / envolve meu / coração. (BEHR, 2002, s.p).

Assim ele descreve uma visão que está quase vedada, escura, mas de olhos abertos, um bioma que talvez para muitos se mostre como próximo ao estágio de deserto, infértil, algo para ser transformado. Porém o autor destaca que os verdadeiros desertos choram areia, contrapondo a ideia de que o Cerrado poderia ser comparado com o deserto. Afinal, o Cerrado ao contrário de um deserto, chora vida, água e diversidade.

Essa imagem do Cerrado com algo infértil foi e é repassada pelo capital e por suas forças capitalizantes, assim como em livros didáticos como analisam Bezerra e Goulart (2013) e Bezerra e Suess (2013). Assim, de acordo com essa perspectiva, o bioma e principalmente o espaço que ele ocupa deveria ser ocupado por outras culturas que se mostrarem produtivas para a sociedade. A sociedade carece de alimentos, dessa forma o espaço que o Cerrado ocupa, utilizando-se corretivos agrícolas no solo, que são corretivos para atender culturas advindas de outras partes do planeta com solos e climas totalmente diferentes, poderia oferecer alimento para boa parte da sociedade. Esses corretivos fazem com que o solo do Cerrado se adapte a essas culturas e não, necessariamente, que essas culturas se adaptem ao Cerrado.

Pode-se colocar o agronegócio e não propriamente as técnicas desenvolvidas pela Revolução Verde, mas a intencionalidade que essas técnicas são utilizadas, como vilãs do bioma Cerrado. Sabe-se que a produção agrícola apropriada pelo agronegócio brasileiro está longe de alimentar a população local do país ou de outros países carecidamente necessitados. Mas sim, alimentar o próprio agronegócio em

substratos complementares, como é o caso da ração, e o capital, destinando quase toda sua produção para o mercado externo. Soja, cana-de-açúcar e carne bovina são os principais produtos exportados pelo agronegócio brasileiro. Talvez o autor tenha apelidado "fazedores de desertos" devido à intensa perda de vegetação e solo ocasionados pela agricultura moderna todos os anos, o que vem causando a salinização dos solos e, por consequência, a desertificação. Não se pretende aprofundar nessas questões neste trabalho, mas alimentar uma discussão que possa dar subsídios a uma forma de interpretar o pensamento de Nicholas Behr.

Conforme Santos (2011), existe um desfalecimento da política feita pelo Estado e a imposição de uma política comandada pelas empresas, o que não resultaria na morte do Estado, mas em seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais (no qual o agronegócio se encaixaria) em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil. Talvez seja nessa perspectiva que Nicholas Behr se mostre pouco amistoso com a aproximação dos "fazedores de desertos", despedindo o Cerrado da paisagem brasileira, devido a um estado cada vez mais estático com os interesses da população e a conservação de suas riquezas naturais, em contrapartida cada vez mais aliado aos interesses do capital e seus agentes.

Fazendo analogia com uma característica das árvores do Cerrado, Behr finaliza seus versos dizendo que "uma casca grossa / envolve meu / coração". Dando um sentido de quase nostalgia e eterna lembrança de um bioma que aos poucos parece desaparecer em selvas de pedras e selvas de verdes sojas. Assim como a tristeza que toma conta do coração do autor, por enquanto um importante bioma está desaparecendo.

Lande Bomfim⁴ descreve em versos simples um pouco do Cerrado em seu poema *Ipês do cerrado*:

Umidade pouca no ar campestre / Árvores secas, ipês se despem / Esta é a paisagem do nosso cerrado / Cercado de águas emendadas / De nascentes, cachoeiras, / Encadeados pelo mais belo

⁴ Lande Bomfim nasceu em 1964 na cidade de Cocos-BA e atualmente mora em Brasília. O autor escreve a 13 anos. "[...] Nada publicado, são rabiscos em agendas, para que eu possa recordar sempre de acontecimentos que se foram, e só registrados para que minha mente não possa esquecer. Já escrevi um livro - Amor Proibido - também não publiquei é a história de um amor que o destino fez uma realidade, mas o mesmo destino - traíçoeiro - o transformou em desilusão, decepção, este livro hoje eu o titularia como verso inacabado - que não tenho mais nada a escrever..." (BOMFIM, 2015, s. p.).

pôr-do-sol e luar / Que em outro lugar não há. / E temos ainda muitas sucupiras / Pequiizeiros e Jatobás / Que com força e resistência da natureza / Estão sempre a desabrochar / Na primavera os ipês/ florescem em meio ao campo não plantado / E traz uma magia e fascínio / Uma dádiva da natureza / Ao nosso encantado cerrado. / Flores de vida pequena / no meio da seca, de tanta aridez / Em outubro cai a chuva novamente / Nos planaltos e planícies / Reavivam o verde-louro do capim dourado / E amanhecemos com o canto da Juriti, do sabiá e bem-ti-vi / E é assim também nossas vidas / Amores que explodem / Mas que são curtos / E se vão deixando lembranças / Momentos inesquecíveis / Paixões que foram flores, amarelas, roxas, lilás / No cerrado dos nossos corações / No imenso vazio da saudade. (BOMFIM, 2009, s.p.).

O autor (BOMFIM, 2009) ressalta algumas das principais características do Cerrado, como a baixa umidade, um dos principais problemas enfrentados no período de seca. Árvores secas, apesar de na época seca a maioria das árvores não “secarem” (isto é, perder as folhas, caducifólias) como as do bioma Caatinga. Destaca o Cerrado por ser um ambiente de águas emendadas, fruto de boa parte dele se localizar no Planalto Central brasileiro, no qual se encontra as principais nascentes dos rios brasileiros. Cita as cachoeiras o que nos dá a ideia de se localizar em um ambiente de planaltos. Espécies de plantas e animais são lembradas nos versos, sucupiras, pequiizeiros, jatobás e ipês são espécies de árvores lembradas como fortes e resistentes; pássaros como o juriti, sabiá e bem-te-vis também são mencionados. O autor ainda ressalta outubro, mês que comumente se encerra o período seco e se inicia o chuvoso, como um mês no qual o verde do capim dourado renasce, os pássaros cantam e os amores explodem, dando um sentido de festa e prosperidade para o bioma que renasce após as chuvas.

Porém, o que chama mais atenção são os sentimentos expostos pelo autor evidenciando que o Cerrado, não o bioma por inteiro, mas o Cerrado que o autor experimentou e faz parte do mundo vivido, se constitua em um lugar para ele. Bachelard (1985), ao realizar a analogia da maçã com os lugares vividos, diz que os homens não vivem a completude de uma cidade ou país. Nesse caso o homem não vive a completude do bioma e dessa forma acaba por viver fragmentos do território da cidade, do país, do bioma. Podem ser comparados com sementes na imensidão de todo, por exemplo, semente do feijão (parcela) e o seu fruto, vagem (todo); porém quando colocados no mapa, germinam afeição por todo o território.

As palavras “nosso”, “belo”, “força”, “resistência”, “primavera”, “florescem”, “magia”, “fascínio”, “dádiva da natureza”, “encantado”, “flores de vida”, “amores”, “nossas vidas”, “lembranças”, “momentos inesquecíveis”, “paixões”, “corações”, “saudades”, acabam marcando o Cerrado com um espaço dotado de significado, vivenciado, refletido e eternizado na memória do autor. Essas palavras marcam, pois, os sentimentos de valor atribuído ao longo da vida com o lugar Cerrado. É possível que outras pessoas desenvolvam e compartilhem dos mesmos significados, mas a complexidade de todos eles acaba sendo algo particular de Lande Bonfim. Ele descreve características “Que em outro lugar não há”, finalizando seus versos com a seguinte declaração “No cerrado dos nossos corações / No imenso vazio da saudade”.

Em seu poema, *O Cerrado...*, Luciano Spagnol⁵ relembra o Cerrado com nostalgia:

À sombra do pequizeiro / Delirei a vida a sonhar / No uivo do guará faceiro / Chora o meu recordar / Nos galhos tortuosos / Brotam as saudades / De cheiros maravilhosos / De infância, alacridades / Tem gosto de gabirola / Aridez do sol a rachar / Vigor doce de mangaba / Buritis a nos sombrear / Constrói o João de Barro / Nostalgias em todo lugar / O vaga-lume tão bizarro / Ilumina o meu poetar / O horizonte é sem fim / Onde põe a lua a repousar / Lobeiras talham o jardim / Das savanas a enfeitar / A arapuá em sua cabaça / Ornam o beiral do passado / Ipês em flor pura graça / Desenham o meu cerrado... (SPAGNOL, 2011, s. p.).

Spagnol volta em sua infância e a partir dessa fase da vida atribui os significados construídos até o momento da escrita, uma forma de eternizar esse lugar, transportando para além de suas dimensões físicas, povoando também o mundo dos leitores, tornando para esses, um lugar mítico, concebido por esse autor. Como ensina Tuan (1983, p. 23),

[...] as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências. Estes momentos do passado, carregados de emoção, às vezes são captados pelos poetas. Como instantâneos naturais extraídos do álbum de família, as suas palavras nos lembram uma inocência e um temor perdidos, uma proximidade de experiências que ainda não sofreu (ou se beneficiou) do distanciamento do pensamento reflexivo.

Essa reflexão liga-nos diretamente com o poema de Spagnol, que recorre a lembranças de um passado que ainda não saiu da cabeça, uma experiência significativa.

⁵ Luciano Spagnol é Fisioterapeuta e poeta brasileiro, mineiro, residente no Rio de Janeiro, nasceu em 1958. Sempre teve fontes de inspiração variadas, e presas no romantismo da poetisa Verconda Espadarote Bulus (ES) e admiração por Cora Coralina (GO). Participou de eventos nacionais de poesia (coletâneas e concursos). Seus textos “Desabafo” classificado em 9º lugar no 1º Concurso Nacional de Poesia - GASP (Grupo de Assistência Solidária ao Próximo). Atualmente é membro Efetivo da Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL) cadeira 697. Em 2010 lança seu primeiro livro “Monólogo de Minha Alma” editora Paco Editorial (SPAGNOL, 2014).

O Cerrado, espaço vivido, é identificado no poema por suas características: à sombra do pequizeiro e do buritizeiro, o uivo do guará, os galhos tortuosos, os aromas do Cerrado, a gariroba (ou guariroba), o sol forte, a mangaba, o pássaro João de Barro, o vaga-lume, os Ipês e todos os sentimentos desenvolvidos naquele espaço que acabam mitificados na lembrança e agora em letras. Para o autor a junção dessas – "desenham o meu (seu) cerrado..." – são características marcantes do Cerrado, características essas que acabam por permanecer na memória do sujeito. Isto revela a influência que as especificidades, os detalhes, do bioma têm para a sensibilização nas primeiras experiências de um indivíduo. O mundo vivido e o cotidiano acabam se constituindo mais uma vez em um importante substrato para que o homem através de seus sentidos e o uso contínuo e combinado desses, além do sistema de gostos e personalidade, se permita constituir e fundar esse espaço como um lugar ora único e até mesmo compartilhado. Assim, esse fragmento de espaço do Cerrado acaba sendo definido como "meu cerrado".

O pequizeiro, árvore que o autor se permite sonhar, talvez tenha sido escolhido, visto que é quase que um símbolo universal da flora e da culinária do Cerrado. O pequi, fruto dessa árvore é testemunho da cultura e transformações desenvolvidas que entornam nesse espaço. Apesar da pouca diversidade em número de alimentos que compõem a mesa das famílias brasileiras, dominada principalmente pelo o arroz e feijão e, quando acessível, um tipo de carne (fonte de proteína), o pequi é um alimento que muitas pessoas que vivem no Cerrado consomem nas refeições.

Calaça e Dias (2012) fazem em seu estudo sobre a dinâmica do Cerrado e do ouro no município de Crixás-GO, município que é um dos maiores produtores de ouro de Goiás, uma analogia entre o valor do ouro e do pequi. Para esses autores, o pequi e o ouro não têm apenas em comum a cor, o amarelo, mas também a riqueza que ambos representam. O ouro como riqueza econômica, no qual boa parte dos moradores depende da fonte de trabalho gerado por essa atividade, e o pequi fonte de riqueza cultural e até mesmo econômica, dependendo da forma que é explorado. Assim, ambos são vistos como riqueza do

meio, o ouro da formação geológica e o pequi, fruto do Cerrado. Essa analogia nos dá uma pequena dimensão do que representa esse fruto para os povos do Cerrado.

Já o poema *O Cerrado*, de Antonio Miranda⁶, demonstra esse bioma como um espaço a ser explorado, cheio de mistérios e riquezas:

Antes era o Cerrado / desterrado / no planalto insondável / ou indomável, / era a vastidão ondulante / e enorme. Inescrutável. / Informe a terra aos seus desígnios, / buritis errantes sobre os ermos / charcos isolados, / plantados sob nuvens passageiras. / Nuvens como plumagens derradeiras / chovendo a intervalos. / Interstícios, vestígios vegetais. / Redemoinhos elevam-se / nos horizontes minerais / sinais montes trilhas. / Jamais. / Um resto de umidade / no ar, / flores secas / queimadas / lambendo horizontes / reiteradamente. / Do alto / desde Planalto Central / mil vertentes, entranhas, / cavernas de luzes escondidas, / animais. / Dessas águas emendadas / nas direções dos pontos cardeais / em demanda de todos os brasis. / Infinitos. / Riachos temporários, subterrâneos, / Pedregosos, resvaladouros, solitários. / Solo de bandeirantes, / retirantes. / Dos encontros impossíveis, / das monções e / entradas ancestrais, / dos refúgios e abandonos. / Haveremos de rever / a sua rochosa ossatura, / registros prematuros de Varnhagen. / Visões e revisões / Geopolíticas. / Sertões. / Nesses paralelos de mel e de leite / da Terra Prometida. / Nos confins de serras cristalinas, / meridianos estivais, / paisagens marinhas de artificios, / como ondas petrificadas, / sacrifícios. / Passagens nacionais / em todas as direções: / tropeiros, mascates, / garimpeiros. / Passa um, passa boiada, / passa tempo / cavilhada / cavaleiros coloniais. / Goiás. Brasil. (MIRANDA, 2002, s.p.)

Antes de discutirmos a relação exposta nesse poema, faz-se necessário discutir a visão de Tuan (1983) a respeito do espaço enquanto sinônimo de liberdade:

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. Um dos sentidos etimológicos do termo *bad* ('mau') é aberto. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. (TUAN, 1983, p. 61).

Nesse sentido, o poema de Miranda apresenta o Cerrado com um espaço a ser domado, um espaço pouco explorado que se perde na imensidão do horizonte. O autor colocou a imposição das nuvens e chuvas a intervalos, ou seja, com chuvas sazonais e com épocas definidas, redemoinhos, baixa umidade, flores secas e queimadas e ainda um solo que resguarda cavernas de luzes escondidas e

⁶ Antonio Lisboa Carvalho de Miranda é maranhense, nascido em 1940, formado em Bibliotecologia (Universidad Central de Venezuela), Mestre em Biblioteconomia (Loughborough University of Technology) e Doutor em Ciência da Comunicação (Loughborough University of Technology). Atualmente é Membro da Academia de Letras do Distrito Federal e professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília (MIRANDA, 2014).

animais, colocando assim, a imposição de um meio ambiente que se parece pouco amigável, mas que não deixa de ser uma terra prometida. A relação de espaço e lugar é constantemente levantada: a necessidade de explorar e ao mesmo tempo encontrar uma pausa no movimento que lhe garanta segurança e lhe traga benefícios, são constantemente cogitadas.

Deve-se ressaltar em meio ao Cerrado as cavernas, não esquecidas pelo autor. Assim, em como um dos cenários do Cerrado destaca-se o Parque Estadual Terra Ronca, que é um dos maiores sítios de cavernas da América Latina, composto também por cachoeiras e uma formação de morros, esculpido pelos ventos e pelas águas. Este complexo está localizado nas cidades de São Domingos, Posse e Guarani de Goiás. As cavernas nesse ambiente possuem salões com até 150 mil m², com extensões de até 760 m e com abóbadas chegando a 100 m de altura. Uma das mais famosas é a Gruta da Angélica que encanta pela sua dimensão e beleza com se pode ver na Figura 1.

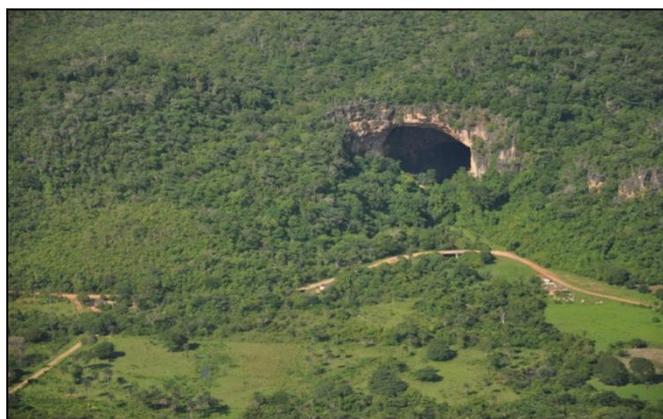


Figura 1. Gruta da Angélica, uma das mais famosas e bonitas cavernas localizadas em área do Cerrado.

Fonte: Estalagem (2015).

O autor ainda destaca o Cerrado por ser um manancial de águas, que irradia em todas as direções do Brasil, com alguns riachos temporários e subterrâneos. Além disso, Miranda descreve a historicidade que envolve o espaço que o Cerrado ocupa, destacando as bandeiras, os retirantes, Varnhagen, os tropeiros, os mascates, os garimpeiros, a boiada, a cavahada e os cavaleiros coloniais. Miranda aos poucos vai construindo tramas geográficas, "registros prematuros de Varnhagen / visões e revisões / Geopolíticas". Envolvendo aspectos do visível com a imaginação e a subjetividade, descreve

perfeitamente uma parte do relevo do qual o Cerrado ocupa: "Nos confins de serras cristalinas, / meridianos estivais, / paisagens marinhas de artificios, / como ondas petrificadas, / sacrifícios".

Deve-se ressaltar que todos os poemas e poesias retratados neste trabalho podem ser trabalhados com imagens diversas atinentes a cenários do Cerrado. Essa abordagem acaba ajudando na contextualização e a aproxima da compreensão do estado de alma de quem compôs as poesias. No exemplo da Figura 2, faz-se um recorte espacial de cenários da Chapada dos Veadeiros, que acrescido de uma leitura histórica, cultural e espacial pode se constituir em uma importante ferramenta, por exemplo, para fazer uma leitura contextualizada da poesia de Miranda.

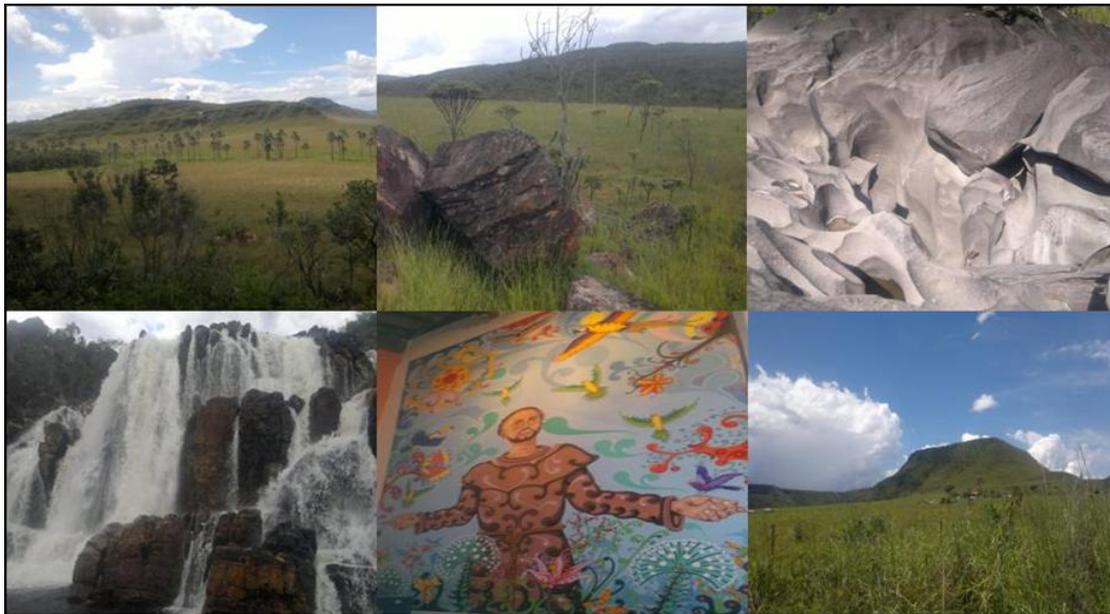


Figura 2. Mosaico que retrata cenários do Cerrado, Chapada dos Veadeiros-GO.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Sabe-se que essas imagens não representam toda a dimensão de espaços e contextos que a poesia pode oferecer. Porém elas nos dão uma clara noção, por exemplo, da dimensão da vegetação desse espaço, apesar de possuir diversas fisionomias, os buritizais no Jardim de Maytréia e a vegetação um pouco espaçada das árvores que dividem espaço com arbustos e gramíneas no município de Alto Paraíso-GO são um bom exemplo de como essa vegetação é representada na poesia. Essas paisagens acabam, ainda, nos fornecendo a dimensão do relevo, da estrutura geológica intrigante, das águas e quedas que o Cerrado resguarda em seu manto, das transformações que ocorreram e ocorrem nesse espaço, que é o

exemplo da paisagem do Cerrado dividindo com o gado e com o capim-braquiária, além dos aspectos míticos e culturais que artistas como Marco Brasil, residente do Distrito de São Jorge, acabam "registrando" em um belíssimo quadro que mostra a relação do homem com o espaço do Cerrado. Essa mesma demonstração de arte pode ser vista também concretizada em poemas, como é o caso do poema O Cerrado, de Antonio Miranda.

De modo mais geral, fica claro que em todos os poemas e poesias analisados neste trabalho há a construção de vínculos topofílicos⁷ a partir do mundo vivido e cotidiano experienciado. Esses conhecimentos sobre espaço vivido Cerrado constituem o estado da alma dos autores, que resolveram tornar público esse estado poético por meio dos poemas. Fica bem visível que os poemas podem ser lidos e interpretados pela perspectiva do lugar, uma vez que este carrega significados, e os poemas e poesias estão também com mitos significados, no entanto, estão mais para o campo simbólico-cultural do que para outra perspectiva, como nos alerta Sousa (2013).

Dessa forma, observa-se que muitos desses materiais, apropriando-se das ideias da geógrafa humanística Courtice Rose, citada por Mello (1990), são passíveis de serem interpretados e escondem fatores geográficos. Como coloca Rose, as palavras ou versos permitem múltiplas interpretações, qualquer texto (signos, símbolos, textos verbais ou não, linguagem gestual e outros) pode ser objeto de estudo da Geografia Humana, em que a hermenêutica e a fenomenologia constituem-se em importantes ferramentas para esse trabalho. Deve-se destacar que esse estudo não pretendeu esgotar a análise sobre o tema, nem em quantidade de poemas e poesias, nem em qualidade dos versos analisados. O que se buscou foi resgatar um tema que vem sendo pouco lembrado por nós, geógrafos, o de explorar e abstrair dos textos e expressões literárias e poéticas fenômenos geográficos, que por sinal não são menos importantes que outro estudo de qual a Geografia se apropria para ler o espaço.

PARA NÃO CONCLUIR...

⁷ Segundo Tuan (1980), a topofilia se refere aos laços afetivos desenvolvidos pelos seres humanos com o meio ambiente material, podendo variar de intensidade, indo desde um sentido efêmero de lugar a construção de um lugar íntimo.

Vários compositores fazem homenagens a lugares que foram e são seus lares, nos quais viveram, abrigaram, se protegeram e projetaram-se para o “mundo”. É no espaço que os escritores-autores encontram a gênese da inspiração, através de observações e a interiorização de características de seu meio social e natural. Encontram a matéria prima para sua criação que por fim acabam sendo expressas por meio de versos, estrofes e rimas.

Utilizou-se o reconhecimento do lugar Cerrado, como um local de significados, com histórias e afeições, construídas por meio das experiências do homem com o meio. Segundo Mello (2005, p. 1), "os laços de afetividade que ligam o homem ao lugar provocam relatos verbais e escritos dos cidadãos comuns, artistas, poetas e intelectuais". O que se quis mostrar neste trabalho é que nas coisas arraigadas de experiências mundanas, a partir da leitura de mundo, e de certa forma despreocupadas com os rigores da ciência, como as músicas tradicionais e regionais, também se constituem em alvo de estudos e podem revelar fatores geográficos não encontrados na academia, nos livros e nos meios de comunicação.

A literatura sobre os lugares deve ser utilizada para estudar os referenciais pessoais de cada ser humano, manifestados no lugar de cada um, sendo o mesmo o espaço imediato das relações humanas. Através deste arranjo, estabelecem-se as relações de afetividade que o escritor quer transmitir para o leitor dos seus poemas. É importante perceber que a leitura e a interpretação dos lugares são dotadas de sentidos, referências e afetividades, sendo uma ferramenta metodológica para a ciência geográfica. Assim, a utilização de poemas e poesias como artifício para ler o mundo vivido se torna relevante, neste caso, revelando experiências construídas do homem com o bioma Cerrado. Nesse processo identificam-se informações, características e valores que podem ser facilmente apropriados para o processo de ensino-aprendizagem.

Poemas e poesias que expõem os valores construídos entre indivíduos e meio ambiente, no caso o Cerrado, são importantes auxiliares para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem que permita ao aluno desenvolver novas formas de raciocínio e de valorização de sua própria cultura. Assim, constitui-

se numa concepção de ensino e aprendizagem que, de forma interdisciplinar, faz com que o aluno possua uma visão holística do seu lugar, dando subsídios, assim, para se compreender os lugares globais.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. *A Morfologia das Cidades Médias*. Minas Gerais: Ed. Vieira, 2007.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.
- CATÃO, R. C.; REOLON, C. A.; MIYAZAKI, V. K. Interações Espaciais: Uma reflexão temática. *Caminhos de Geografia*, Uberlandia, v. 11, n. 35, p. 231-239, Set. 2010.
- CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Explorações Geográficas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.
- CORRÊA, R. L. *Estudos Sobre a Rede Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. E.B. (Org.). *Cidades Médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- GREGORY, D. et al. *The Dictionary of Human Geography*. 5th ed. Malden, USA: Willey Black Well, 2005.
- HARTSHORNE, R. *Propósitos e Natureza da Geografia*. São Paulo: Edusp, 1978.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 de agosto de 2014.
- SAMPAIO, A. V. O.; GUSMÃO, A. D. F. Mobilidade do Trabalho e Produção do Espaço nas Cidades Médias. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos. *Anais...* Porto Alegre, 2010.
- SANTOS, M. *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- ALMEIDA, M. G. Geografia e Literatura - A poética dos cantos sertanejos de patativa do Assaré. In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideu. *Anais...* Montevideu: Universidad de la República, 2009. 1 CD-ROM.
- ASSAD, E. D.; SANO, E. E.; MASUTOMO, R.; CASTRO, L. H. R.; SILVA, F. A. M. Veranicos na região dos Cerrados brasileiros frequência e probabilidade de ocorrência. In: ASSAD, E. D. (Coord.) *Chuva nos Cerrados*. BRASIL/EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/ Centro de Pesquisa Agropecuário do Cerrado. Brasília: Embrapa-Cpac, 1994, 423 p.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

BARCELLOS, F. R. Espaço, lugar e literatura: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 41-52, jan./jun. de 2009.

BEHR, N. *Bibliografia*. Disponível: <<http://www.nicolasbehr.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BEHR, N. (2002) *Poesília*. Disponível: <http://www.nicolasbehr.com.br/piresilia_miolo.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BEZERRA, R. G.; GOULART, L. S. A representação do bioma Cerrado em dois livros didáticos de biologia aprovados pelo PNL D 2012. *Revista Lugares de Educação*, Bananeiras (PB), v. 3, n. 7, dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/view/17057>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BEZERRA, R. G.; SUESS, R. C. Abordagem do bioma Cerrado em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio. *Holos*, Natal, v. 1, n. 29, p. 233-242, 2013. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1289/653>>. Acesso em: 15 ABR. 2015.

CARVALHO SOBRINHO, H.; SUESS, R. C.; ALMEIDA, S. A. Ensino e aprendizagem através do mundo vivido. In: Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino, 2013, Goiânia. *Anais...* EDIPE, 2013. v. 5. p. 1-6. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/vedipefinal/pdf/gt07/poster%20grafica/Hugo%20de%20Carvalho%20Sobrinho.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BOMFIM, L. Lande Bomfim [Biografia]. In: *Site de Poesias*. Disponível em: <<http://sitedepoesias.com/poetas/landebomfim>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BONFIM, L. (2009) Ipês do cerrado. In: *Site de Poesias*. Disponível em: <<http://sitedepoesias.com/poesias/45096>>. Acesso 15 abr. 2015.

BROSSEAU, M. Geografia e literatura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, 150 p.

CALAÇA, M.; DIAS, W. A. *No obscuro do ouro, o obscuro do cerrado: a dinâmica territorial do município de Crixás-GO*. Goiânia: Ellos, 2012.

CASTELLAR, S. M. V. Educação Geográfica: Formação e didática. In: MORAIS, E. M. B.; MORAES, L. B. *Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia*. Goiânia: Nepeg, 2010.

CONTI, J. B.; FURLAN, S. A. Geocologia: o clima, os solos e a biota. In: ROSS, J. L. S. (Org.) *Geografia do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2011.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. 150 p.

DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução Werter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 173 p.

DIAS, B. F. de S. Cerrados: uma caracterização. In: _____. (Coord.). *Alternativa de desenvolvimento dos cerrados: manejo e conservação dos recursos naturais renováveis*. Brasília: Ibama, 1992. p. 11-25.

ESTALAGEM Terra Ronca. Galeria [Gruta da Angélica]. Disponível: <<http://terraronca.com.br/fotos/cavernas/caverna5.JPG>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio* - minidicionário de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Mariana Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Curitiba: Positivo, 2009.

- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 42, 2001.
- GONÇALVES, L. F. *O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado Avenida Paulista*. 2010, 266 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, 2010.
- HAESBAERT, R. Território, Poesia e Identidade. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 17-29, 1997. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6708/4786>>. Acesso em 15 abr. 2015.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEITE, A. F. O lugar: duas acepções geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências* (UFRJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 21, p. 8-19, 1998.
- MARINHO, S. C. *Um homem, um lugar: Geografia da vida e perspectiva ontológica*. 2010, 335 f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia Humana, São Paulo, 2010.
- MELLO, J. B. F. Certos Versos e Múltiplos Tons sobre Lugar, Amizade e Identidade no Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, 1, Londrina, 2005. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. Disponível em: <<https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/joao.pdf>>. Acesso em: 15 abri. 2015.
- MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p.91-115, out./dez. 1990.
- MICHAELIS: *moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. O bioma Cerrado. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado>>. Acesso em: 12 de abr. 2015.
- MIRANDA, A (2002). *O Cerrado*. Disponível: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_ilustrada/portugues/o_cerrado.html>. Acesso em: 03 maio 2014.
- MIRANDA, A. *Sobre o autor*. Disponível: <http://www.antoniomiranda.com.br/sobreoautor/sobre_autor_index.html>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- MYERS, N. et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, v. 403, p. 853-858, 2000.
- SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. de. *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina (DF): Embrapa, 1998.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: BestBolso, 2011, 143 p.
- SOUSA, M. L. *Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, 320 p.
- SPAGNOL, L. (2011) O Cerrado... In: *Luso Poemas*. Disponível: <<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=180501>>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- SPAGNOL, L. Luciano Spagnol [Poeta Brasileiro]. Disponível: <<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2010/11/lucianospagnolpoeta-brasileiro.html>>. Acesso em: 15 maio 2015.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona: Universidade de Barcelona, 2001. Disponível em: < <http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

TUAN, Y. T. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Y. T. Place: an experiential perspective. *Geographical Review*, v. 65, n. 2, p.151-165, 1975.

VALE, J. M. F. Geografia e poesia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 8, n.219, p. 274-290, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/496/507>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

VALENTE, C. R. Caracterização geral e composição florística do Cerrado. In: GUIMARÃES, L. D.; SILVA, M. A. D. da; ANACLETO, T. C. *Natureza viva Cerrado: caracterização e conservação*. Goiânia : Editora da UCG, 2006. 211p.

VASLMORBIDA, N. M. *Uma Leitura do espaço da casa na obra de Mario Quintana: um convite ao devaneio*. 2007, 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz, Santa Cruz, 2007.